

Índice

07	[PRÓLOGO]
09	FEMINISMO
09	I. Ser feminista
19	II. Uma resposta
29	III. A instrução
38	As mulheres e a política
44	Ser português
55	No aniversário duma escola
65	A mulher de há trinta anos e a mulher de hoje
72	As pobres mães
85	A miséria do povo
95	A ignorância do povo
102	Mulheres desnaturadas, mães desnaturadas
111	A propósito duma greve
122	A MULHER EM PORTUGAL
122	I. A mulher e o casamento
130	II. A mulher casada perante o Código Civil
140	III. A mulher solteira perante o Código Civil
151	IV. O trabalho da mulher

Na incerteza pelo futuro, característica muito acentuada do atual momento histórico, não há ninguém, por mais ferozmente que se ensimesme ou por mais alto que se alheie em sonhos e ficções, que se não surpreenda, um dia, meditando, transido de dúvidas, nalgum dos múltiplos problemas que agitam a alma moderna.

São tantos e tão variados, tão dolorosos por vezes, recordam tanta lágrima, evocam tanta dor sofrida pela mísera humanidade — que em vão lhe quer fugir e se debate e grita de desespero, ou ri de inconsciente gozo, conforme é levantada aos ares em triunfo ou mergulhada na indiferente desgraça —, que o nosso espírito se detém e pergunta, no augusto silêncio da própria consciência — se vale a pena existir num mundo assim?!

Todos os sinceros têm formulado esta interrogação: uns, fortificados pelo pensamento, no desejo de remediar o mal, concebem a esperança de trazer, embora com o sacrifício próprio, alguma melhoria à sociedade; outros desanimam, a mesma dor os mata ou anula para o trabalho paciente do futuro.

Mas o desânimo e a renúncia é uma dupla falta — pelo que deixamos de fazer e pelo que consentimos que os egoístas e os sem escrúpulos façam impunemente.

Para todos é de responsabilidade a hora presente, na qual, a par de muito crime e muita injustiça, um belo e salubre movimento se opera por todo o mundo.

Ninguém se poderá isentar dessa tremenda responsabilidade moral, que tanto cabe ao homem como à mulher, a esta mais ainda porque nas suas mãos, com a educação da infância, que lhe pertence, está confiado o futuro.

À mulher, pois, ou seja pobre operária que mal ganha para o pão de cada dia, ou opulenta dama avergada ao peso dos seus deveres sociais; às mães que têm filhos a entrar na luta pela existência, e que ansiados esperam o conselho que os guie para a felicidade e para o bem dos lábios que lhes ensinaram as primeiras palavras e lhes deram os primeiros beijos; como às raparigas que, mal iniciadas nos seus deveres, têm de arcar com um futuro de que nem chegam a compreender as responsabilidades; a todas, repetimos, corre o dever de se deterem, ao menos um instante, a pensar no remédio a dar a tanto mal e a tanta iniquidade.

Por isso é às mulheres, e principalmente às mulheres do meu país — que tão insuficientemente são educadas para serem as companheiras e as mães do homem moderno —, que me dirijo.

Possa este modesto trabalho corresponder de algum modo às necessidades espirituais da alma feminina, que desperta enfim para uma nobre e mais útil missão social.

Feminismo

I. SER FEMINISTA

Feminismo: É ainda em Portugal uma palavra de que os homens se riem ou se indignam, consoante o temperamento, e de que a maioria das próprias mulheres coram, coitadas, como de falta grave cometida por algumas colegas, mas de que elas não são responsáveis, louvado Deus!...

E, no entanto, nada mais justo, nada mais razoável, do que este caminhar seguro, embora lento, do espírito feminino para a sua autonomia.

O homem português não está habituado a deparar no caminho da vida com as mulheres suas iguais pela ilustração, suas companheiras de trabalho, suas colegas na vida pública; por isso as desconhece, as despreza por vezes, as teme quase sempre.

Mas siga a mulher o seu caminho, intemerata e digna, sem recluir o isolamento como o ridículo — que nem um nem outro atingem o verdadeiro mérito e a sã razão.

Tenha o coração alto e o espírito alevantado; não faça do amor o ideal único da existência nem o seu único fim. Pense no trabalho e no estudo, e deixe que as suas faculdades afetivas se desenvolvam livremente, ou se não desenvolvam mesmo, que isso deve ser indiferente à sociedade. Cuidados de amor devem ser cuidados tão absolutamente pessoais e íntimos, que não os assoalhar deveria ser a maior prova de pudor.

Tal não sucede, porém. Toda a gente publica os seus afetos, puros ou impuros, verdadeiros ou falsos; e, por mais absurdos, por mais indesculpáveis que sejam, despertam mais simpatia e compaixão do que verdadeiras desgraças sociais. Na vida real, como no drama, no romance, na poesia, ou na música, só cai bem no gosto do público o amavio voluptuoso do amor sentimental.

Assim o quer a sucessão de séculos, em que a mulher foi a reclusa do convento ou da família, tendo na vida um só fim — *agradar*.

Assim o estima o homem, que fez do amor carnal o seu culto e da mulher a sacerdotisa desse culto. Mas sacerdotisa que se torna em escrava, deusa que se cobre de injúrias e se lança ao monturo das velhas coisas inúteis, logo que o capricho, a paixão dos sentidos, foi como o fumo desfeito no céu sem nuvens.

O homem, passada a idade da poesia, segue triunfante o caminho da existência, sem mais lhe importar com a sua

inspiradora. Da deusa ideal dos seus sonhos faz a cozinheira hábil, a dona de casa ignorante e útil, misto de costureira e governante, a mãe paciente e sofredora dos filhos que são o seu orgulho.

A mulher, em geral, é, quando esposa, a companheira só para a vida banal e mesquinha — que nem por sombras deve abordar os graves pensamentos que preocupam o marido!...

Porque, quando o homem, por acaso, encontra méritos intelectuais que o confraternizem com um indivíduo do sexo feminino, é raríssimo confessar que a sorte lho deu para companhia da sua vida.

Mas quantas vezes se enganam na escolha e, por castigo, na companheira ignorante e inferior que procuram para seu descanso não encontraram, hipocritamente velados por uma hábil ingenuidade, todos os baixos instintos dos seres inferiores?!

Quantos, procurando nas ignorantes criaturinhas que nunca se *poluíram* com o estudo e com o trabalho, as providentes mães de família, destinadas a fazer prodígios de economias, de método e de arranjo, não depararam com desditosas mulheres roídas de ambições e vaidades, tanto mais ásperas quanto maior é a sua impotência para as realizar — a fantasia só presa nas galanices e modas, inúteis para os trabalhos caseiros como para outro qualquer, sofrendo e fazendo sofrer todos os seus por não possuir o que deseja e

vê às outras, transformando os lares em geenas onde feras da mesma raça se espezinham e abocanham?!

Quando ao homem for dado encontrar facilmente a mulher sua igual, compreenderá quanto era louco preferindo-lhe esses pobres seres que não têm assunto para conversa fora do último figurino, da vida alheia e das criadas e seus costumes.

Compreenderá então o que é o verdadeiro afeto entre esposos, e não mais preferirá essas que hoje diz amar, mas que no íntimo despreza como suas inferiores, que supõe.

E digo que supõe, porque está provado pela ciência que *intelectualmente* não há sexos privilegiados, mas unicamente indivíduos e, quando muito, raças. Foram os sábios que desmentiram esse grosseiro e velho erro de que o cérebro feminino é menos pesado e consequentemente inferior ao do homem.

Foram eles, os mesmos que lhe tinham levantado barreiras sobre barreiras e escreveram sobre cada porta da ciência o fatal *non possumus*, os primeiros a desmentir-se e a penitenciar-se probamente a cada manifestação da mentalidade feminina.

Foi a ciência, fonte de toda a verdade e de toda a justiça, e na qual devemos pôr os olhos como na única libertadora, que fez cair por terra esse argumento tão falado da superioridade intelectual do homem, fundando-a no peso do cérebro.

Se a *massa cinzenta* contida no crânio feminino é menor, corresponde harmonicamente ao tamanho do corpo, em regra mais pequeno.

Foi esse o primeiro passo, o mais importante e decisivo, para o triunfo da ideia feminista. Até lá, quando a mulher pretendia estudar, trabalhar, ser um ente de razão e de luz, caía-lhe como avalanche de gelo, a sufocar-lhe as aspirações, essa cruel e deprimente opinião. E a pobre, se não era um espírito de excecional brilho ou um carácter de excecional têmpera, sentia-se amesquinhada aos seus próprios olhos e desistia do enorme esforço requerido para subir onde a multidão das suas pobres irmãs nem sequer se atrevia a pôr as vistas ambiciosas.

Às vezes, ou porque fossem realmente *excepcionais*, ou porque as condições mesológicas as favorecessem extraordinariamente, de entre as mulheres saíam algumas que os próprios homens eram os primeiros a reclamar e incensar, mas passando-lhes cautelosamente o diploma de *raridades*, quase fora do sexo, seres híbridos, masculinos pela inteligência e só fisicamente femininos.

De modo que essas aclamadas, e afastadas do caminho trilhado pela turbamulta das ignorantes, exatamente porque eram superiores e se julgavam intangíveis, abandonavam a causa das suas irmãs, que já não era a sua, concedendo-lhes apenas, e isto nem sempre, a sua piedade diluída em conselhos de resignação e submissão para desempenharem o

papel de escravas, nascidas somente para a felicidade e regalo do homem. Desta maneira, a causa feminina perdia as suas mais legítimas defensoras, deixando nas mãos dos homens os melhores argumentos.

É como algumas esposas que, por serem ditosas no casamento, porque tiveram a fortuna — que não digo rara — de encontrar para maridos homens inteligentes e justos, encolhem os ombros com indiferença à desgraça das que tiveram destino contrário.

É uma prova de egoísmo, que é uma deplorável qualidade, e é, pior do que isso, o abandono de uma causa justa que, se não toca individualmente a cada mulher, interessa coletivamente o sexo a que pertencem.

Acabar com os *fenómenos*, com os *monstros femininos*, julgar todos os indivíduos intelectualmente semelhantes sem distinção de sexo, atos igualmente a estudar e progredir pelo trabalho, foi sem dúvida o passo definitivo para a libertação feminina.

As mulheres poderão, assim como os homens, distinguir-se pela ciência, pela indústria, pela arte, pelo comércio, pela pedagogia, ou ficarem tão-somente donas de casa — mas fazendo do seu lar a primeira e a mais nobre escola dos filhos.

Haverá, decerto, tal qual entre os homens, umas que se superiorizam num trabalho, outras em outro, mas serão todas educáveis, todas melhoráveis, todas úteis, laboriosas e

conscientes obreiras, ajudando à melhoria da grande colmeia social.

As mulheres de hoje não têm desculpa se continuarem na ignorância e na inatividade, tudo esperando do homem, que as há de procurar para a sua conveniência.

As escolas estão abertas por igual aos dois sexos e não há já quem, nesta hora alta da civilização, se atreva a banir delas um indivíduo que as queira frequentar sob o pretexto da diferença do sexo.

Tempos atrás, quando a mulher pensava em sair do anonimato da sua missão caseira, tinha apenas por campo aberto à sua atividade, a literatura, visto que é a única profissão onde o talento e o estudo individual dispensam a educação preparatória.

Hoje não é assim. Toda a gente aceita uma senhora que tem a profissão de médica, pintora, escultora, engenheira ou professora, tudo que requer habilitações e estudos públicos, e que lhe tinham ensinado a crer que nunca poderia atingir por falta de génio criador e persistência no estudo.

Não se sobressaltem os homens com a concorrência, que é antes auxílio. Pequena, por mal da humanidade, há de ser sempre a percentagem dos cérebros verdadeiramente superiores em qualquer dos sexos. Não é, pois, justo que por falta de educação se percam aptidões que nem sequer chegaram a manifestar-se, talentos de que nem sequer se suspeita...

Se os mais ardentes sectários dos velhos preconceitos já chegaram à conclusão egoísta de que é preciso educar o povo para que se não percam tantíssimos talentos que podem beneficiar a humanidade, não é justo — ainda que não seja senão pelo mesmo motivo — condenar à ignorância, na mulher, metade dessa mesma humanidade.

Dever-se-á pensar que Clémence Royer, honra e glória da França, sábia entre os sábios, espírito todo precisão, clareza e método, não teria sido o que foi se, por um mero acaso, tivesse nascido em Portugal ou em outro qualquer país, onde, como no nosso, se descure a educação feminina.

As mulheres conservam-se entre nós numa indiferença quase total pelas conquistas que dia a dia vão marcando um passo de avanço para o triunfo definitivo do espírito sobre a matéria, da inteligência sobre a força, da educação sobre a ignorância, embora doiradas pela fortuna ou pelos privilégios de classe.

Mas esperemos serenamente, porque à mulher portuguesa há de chegar também a sua vez de compreender que só no trabalho pode encontrar a sua carta de alforria. Não no trabalho esmagador, exercido como castigo, mas no trabalho que enobrece o espírito, que dá o belo orgulho dos que só contam consigo e nunca foram um peso para ninguém.

E desde que se torne independente pelo seu próprio esforço, desde que saiba agenciar o pão que come, a casa que habita, os

vestidos que veste, sem estar à espera do homem, fonte perene de todo o dinheiro que hoje a sustenta — seja como pai, como marido ou irmão —, a sua alforria está decretada.

Uma vez será um artigo do código que se modifica (porque as leis devem seguir e não preceder os costumes); amanhã um preconceito que cai no desuso; depois um hábito que se vence; até que obrigações e direitos se igualem entre as duas metades do género humano, hoje em guerra sob a aparência do amor e do respeito social.

Os próprios homens as ajudarão nesse empenho, porque nenhum há que não seja feminista se a mulher vitimada for a sua própria filha, aquela para quem ambicionou maior soma de venturas e de bem-estar.

Não há pai que não aspire a deixar nas mãos de suas filhas, senão um dote em dinheiro — cada vez mais difícil de juntar honestamente, com as necessidades sempre crescentes da vida moderna —, pelo menos um dote em educação e aptidões de trabalho que as ponha ao abrigo de toda a servidão.

Não haverá pai que se não insurja contra a lei, se vir o marido de sua filha pôr e dispor da fortuna que lhe deu, e sem que a dona possa sequer gastar o rendimento. Nenhum que se não indigne se o genro a desprezar ou maltratar, se lhe proibir qualquer intervenção na educação dos filhos, se a não atender nos seus conselhos e opiniões, se a não consultar para os negócios decisivos da sua vida, se por capricho

ou vaidade se opuser a que exerça uma profissão honesta que a dignifique a seus próprios olhos, se, enfim, o homem fizer da esposa o que de facto a lei quer que seja — a menor sem vontade nem discernimento, a *coisa* de que o marido é o senhor, o ser humano pertença absoluta de outro ser, que devia ser seu igual.

Os homens mais autoritários e rotineiros como maridos são, como pais, incapazes de apoiar um estado de coisas que apenas dá por garantia de felicidade à mulher que casa a bondade, a inteligência e a tolerância do marido.

É evidente que, na maioria dos casos, mormente no nosso país, onde o homem é bondoso por temperamento, ninguém se importa com a letra do código feito para uma sociedade onde a esposa era ainda, ou apenas, uma escrava submissa, sem asas para grandes voos de vontade nem ânsias de libertação.

Nas mãos de um doido ou de um perverso, porém, o que poderá ser a vida da mulher que se volta para a lei e a lei manda-lhe simplesmente e implacavelmente: *que obedeça!* Que se volta para a sociedade, que lhe ordena hipocritamente: *disfarce e submissão!* Que se volta para a família, e essa própria, temendo o escândalo, a violação das conveniências sociais, lhe aconselha: *que se resigne!*

Portanto, *ser feminista* é o dever de todos os pais. Porque *ser feminista* não é querer as mulheres umas insexuais,

umas *masculinas* de caricatura, como alguns cuidam; mas sim desejá-las criaturas de inteligência e de razão, educadas útil e praticamente de modo a verem-se ao abrigo de qualquer dependência, sempre amarfanhante para a dignidade humana.

II. UMA RESPOSTA^{*}

Não imagina V. Ex.^a o prazer que me deu a sua carta, sabido como é que da discussão inteligente e sincera têm saído as mais claras verdades, conhecido como é, por todos os propagandistas, quanto se ganha em fazer interessar pelas nossas opiniões ainda os adversários que mais as combatem.

E não sendo V. Ex.^a um adversário, mas um confesso adepto, embora moderado, maior prazer o meu em lhe vir expor serenamente as ideias feministas, tais como as compreendo e preconizo. Diz V. Ex.^a que *é feminista*, embora moderado, que *o é como todos os ilustrados não poderão deixar de o ser*, segundo a sua própria frase.

Eis o nosso primeiro triunfo, a nossa principal batalha vencida; tudo o mais, creia, é questão de tempo, de paciência, de serena e pertinaz energia, e de muito *bom senso*.

^{*} À carta que me dirigiu o sr. Gomes Pereira, na *Revista Amarela*, criticando o artigo precedente.